



Enterramentos de soldados napoleónicos na Rua de São Miguel, n.ºs 28-32, Porto

JOÃO SILVA¹

ZÉLIA RODRIGUES²

NUNO GOMES³

HERNÂNI LAMEGO⁴

1 Arqueólogo.

2 Antropóloga.

3 Arqueólogo. Civitas Arqueologia.

4 Arqueólogo. Civitas Arqueologia.

RESUMO

O presente artigo aborda os achados arqueológicos resultantes de trabalhos realizados no âmbito da execução de um projeto de reabilitação urbana na Rua de São Miguel, n.ºs 28-32, na cidade do Porto, em 2020. Através da realização de sondagens arqueológicas foi possível identificar parte de uma necrópole associada ao Hospital de Sangue, atualmente conhecido como Mosteiro de São Bento da Vitória. Algum do espólio encontrado associado aos 13 indivíduos exumados apresenta elementos do exército de Napoleão, aquando das invasões francesas, mais concretamente dos ataques ao Porto, em 1809. Este artigo visa dar a conhecer os primeiros resultados obtidos, entregues à DGPC sob forma de Relatório Final.

PALAVRAS-CHAVE

Sondagens arqueológicas; invasões francesas; necrópole.

ABSTRACT

This article addresses the archaeological finds resulting from fieldwork carried out as part of the execution of an urban rehabilitation project at Rua de São Miguel, 28-32, in the city of Porto, in 2020. Through the carrying out of archaeological surveys it was possible to identify part of a necropolis associated with the *Hospital de Sangue* [Blood Hospital], currently known as the São Bento da Vitória Monastery. Some of the artifacts associated with the thirteen exhumed individuals show elements of the French Imperial Army during the Napoleonic Wars, more specifically the attacks on Porto in 1809. This article aims to present the first results obtained, delivered to the DGPC in the form of a Final Report.

KEYWORDS

Archaeological surveys; Napoleonic wars; necropolis.

1. Introdução

O presente artigo dá a conhecer os resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do projeto de reabilitação urbana a executar no edifício sito na Rua de São Miguel, n.ºs 28-32, no Porto, que implicaram a afetação de áreas cujo potencial arqueológico importava aferir com clareza, já que se desenvolveram em zona da cidade formalmente condicionada (Centro Histórico do Porto – MN19 da Planta de Condicionantes do PDM – ZAP 01 – Conjunto classificado da Zona Histórica do Porto). Em resultado da análise do projeto pela Direção Regional de Cultura do Norte/Direção-Geral do Património Cultural (DRCN/DGPC), foi preconizada por aquela Direção-Geral, face ao volume de movimentações de terra, a realização de sondagens prévias e o posterior acompanhamento arqueológico



Figura 1. Localização do projeto em carta militar (excerto da folha n.º 122) (CIGeoE, 2013).

dos trabalhos com afetação do subsolo. Estes trabalhos foram adjudicados à Civitas Arqueologia, Lda., e decorreram sob corresponsabilidade científica do Dr. Hernâni Lamego, do Dr. Nuno Gomes e do Dr. João Silva e da antropóloga Dra. Zélia Rodrigues.

2. Contexto histórico

A Rua de São Miguel apresenta uma história rica e variada ao longo dos séculos. Esta seria uma das mais famosas zonas da judiaria intramuralhas da cidade do Porto. Foi em 1386 que o rei D. João I autorizou a constituição da Judiaria do Olival, situada junto à Porta do Olival da muralha fernandina, como o topónimo indica, num quarteirão da atual freguesia da Vitória (Ramos, 1994). Esta prolongou-se por um período de mais de 100 anos, no qual os judeus conseguiram ter alguma liberdade, onde poderiam comercializar e viver de uma forma controlada (Geraldo, 2006, p. 150), estando sempre sujeitos ao “sino de correr” que, à noite, ao toque de Trindades, os obrigava a recolherem-se à judiaria e os cristãos a sair dela (Geraldo, 2006, p. 152).

Tratou-se, portanto, e ao contrário do método de expansão urbana tradicional e dominante da cidade do Porto, cujas ruas «Novas» se sobrepunham a antigos caminhos, de uma urbanização planeada. Esse facto acentuaria a regularidade do loteamento; embora o texto fundacional não fale nas dimensões das parcelas, documentação posterior indica a existência, no núcleo mais antigo, de uma medida padrão que ronda as quatro varas e dois palmos de frente (4,84ms) e um comprimento variável, adaptando-se à topografia, mas não inferior às 34 varas. (Afonso, 2006, p. 44).

Durante este período, a comunidade judaica foi crescendo, e exemplo disso foi a descoberta de um *Ekkhal* nas obras de renovação do edifício com o número de polícia 9-11, praticamente em frente à obra a que se refere este relatório. Definido como um pequeno altar, este armário litúrgico, que serviria para albergar os textos sagrados, constituía a parcela de maior alcance simbólico do espaço religioso judaico. Este encontrava-se preservado por uma parede falsa, face nascente da dependência interior do piso térreo. Trata-se de uma estrutura em granito, moldurada, de 1,82 m de altura por 36 cm de profundidade, separada em duas áreas por prateleira com acabamento inferior em forma de arco abatido (DGPC, [s.d.]).

Nos anos seguintes os documentos históricos voltam a referenciar este local como judiaria e até mesmo uma possível sinagoga utilizada em secretismo. No século XV, o espaço de culto está claramente referenciado (Afonso, 1997), e num documento do Convento de São Domingos do Porto, que se reporta ao ano de 1569, menciona-se uma casa que havia sido do abade de Pedorido, a “3ª morada abaixo da casa do canto da parte do convento, a que foi sinagoga dos judeus” (Afonso, 1997, p. 105). Apesar da construção da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, na década de 30 do século XVI (cuja ereção não pode estar dissociada da tentativa das autoridades cristãs em diluir os vestígios de judaísmo na zona), os judeus portuenses continuaram a celebrar o seu culto de forma socialmente velada, é certo, mas plena de atividade e de organização (DGPC, [s.d.]).

Em 1496, no reinado de D. Manuel, e face à situação política que se vivia no país e na Europa, é decretada a expulsão da comunidade judaica. Apesar disso, a Rua de São Miguel irá ficar para sempre conotada com a expressão judaica na sua população, através dos cristãos-novos. No século XVI, este espaço é marcado por nova remodelação urbanística, destacando-se a construção da Igreja de Nossa Senhora da Vitória e início da construção do Mosteiro de São Bento da Vitória, que teve a sua conclusão já em meados do século XVII. É este edifício, que se encontra nas traseiras da obra aqui em estudo, que terá um papel fulcral na explicação dos achados arqueológicos desta zona. O projeto foi desenhado por Diogo Marques Lucas, discípulo de Filipe Terzi, e as campanhas construtivas e decorativas decorreram entre 1604 e o início do século XVIII, resultando num majestoso complexo maneirista e barroco, conhecido não só pela sua importância religiosa e artística, mas também pelas atividades culturais, de canto e de música que aí tiveram lugar. Este foi o primeiro mosteiro beneditino masculino do Porto e, simultaneamente, o último da antiga Congregação Portuguesa. Nasceu no Olival, junto da porta da muralha gótica e da judiaria, após autorização régia, concedida em 1598. Entre o início do século XIX e o final do século XX, a história desta casa foi tudo menos pacífica. O mosteiro serviu de hospital durante as invasões francesas e em 1832, durante o Cerco do Porto, altura em que os monges o abandonaram em definitivo. Em 1834, com a extinção das ordens religiosas, o edifício foi confiscado pelo Estado. Depois dessa data, funcionou como tribunal, até 1864, e ainda como quartel, no qual se instalaram sucessivamente as tropas da Junta do Porto (1846-1847), o Regimento de Infantaria n.º 6, o Batalhão Nacional de Artilharia, o Batalhão de Caçadores n.º 9, o Batalhão de Caçadores n.º 1 e outros serviços militares (U.Porto, 2012).

É no início da centúria de oitocentos que surgem novos elementos que importam para a contextualização dos elementos arqueológicos aqui encontrados. Como já foi referido, o Mosteiro de São Bento da Vitória foi reaproveitado como Hospital de Sangue, isto é, um hospital de campanha para acolher doentes e feridos resultantes das invasões francesas (1809), assim como do Cerco do Porto, com as guerras liberais (1827 a 1832).

Será pertinente pensar o caso particular das invasões francesas na história deste local. Tendo a cidade do Porto uma importante posição estratégica e simbólica para as guerras napoleónicas, e sendo, ao mesmo tempo, a segunda maior cidade do país, Napoleão ordenou o General Nicolas Soult a sair da cidade da Corunha, na Galiza, para invadir o Porto (Gotteri, 1990, p. 115). A partir daí seria mais fácil atacar o reduto inglês na cidade de Lisboa. A controlar o Porto o exército francês teria também a oportunidade de controlar o rio Douro. O que teria sido uma ofensiva simples durou vários meses, devido às más estradas que ligavam a Galiza ao Porto e a vários exércitos formados por camponeses, atrasando os planos de Soult. A cidade foi tomada a 29 de março de 1809. Devido a todas as dificuldades, o exército francês, já esgotado, não conseguiu continuar a marcha até à capital. A comunicação entre os vários regimentos estava bastante condicionada, devido às várias guerrilhas em ação no território português e espanhol. O general francês decide então criar um posto defensivo a norte do Douro, mandando destruir as ligações que atravessavam o rio e criando fortificações ao longo da zona ribeirinha (Gotteri, 1990, p. 116). A 22 de abril, o General Arthur Wellesley chega a Lisboa e descobre que um vasto território da Península Ibérica é controlado pelos franceses, tanto a norte, no Porto, como a sul de Portugal e no sudoeste de Espanha. Com receio dos movimentos a sul, podendo criar uma reorganização e ajuntamento do exército francês, Wellesley centra a sua atenção nas forças de Soult, na cidade do Porto. Parte para norte com uma força estimada de 16.000 soldados britânicos e 2.400 portugueses. Nesta altura, o exército de Soult contaria com uma força estimada de 12.000 homens (Fremont-Barnes, 2006, p. 947). A viagem para norte foi feita de forma relativamente rápida. As forças anglo-portuguesas chegam à margem sul do Douro a 12 de maio. Na preparação do confronto, Soult ordena a todos os barcos presentes no rio que se desloquem para a margem norte, tentando travar a chegada das forças britânicas. Apesar disso, Wellesley conseguiu recrutar uma série de barcos rabelo para transportar as suas tropas na direção montante do rio. À sua chegada, o exército anglo-português conseguiu dominar onde a antiga ponte das barcas se situava, anteriormente destruída pelo general francês. Durante alguns momentos as tropas francesas não se apercebem das movimentações dos inimigos, mas em pouco tempo Soult reagrupa os seus homens próximos deste local na margem norte, o que permitiu que uma frota ainda maior de pequenos barcos civis descarregasse mais tropas inglesas da margem sul para a margem norte, agora com defesas menos concentradas (Fremont-Barnes, 2002). As forças francesas, fragilizadas e em menor número, começam a recuar da zona da ribeira para o centro da cidade, perseguidas pelos britânicos. À medida que a posição se ia degradando, Soult prepara uma retirada rápida, recuando para os arredores da cidade, tarefa dificultada pelas já referidas forças britânicas, mas também por exércitos populares constituídos

por muitos habitantes da cidade. Forçados a deixar grande parte do seu armamento mais pesado, Soul e os seus homens recuam de novo para norte, em direção à Galiza, deixando para trás os seus bens pessoais e também os seus feridos, facto importante para os achados que irão ser posteriormente referidos no presente relatório. No momento em que Soult encontra refúgio na cidade de Ourense, o seu exército inicial de 23.000 homens estava agora reduzido a 6.000. Apesar de tudo, o que poderia ser uma vitória retumbante para Wellesley e para o seu exército anglo-português foi limitada pela incapacidade de controlar todas as saídas da cidade do Porto e do Norte do país. Este exército já se encontrava com poucos mantimentos e teria ordens expressas para não entrar no país vizinho. Apesar de tudo, liberta o reduto francês da cidade do Porto e cria condições para atacar as restantes tropas francesas a sul do país (Fremont-Barnes, 2002, p. 947).

No que diz respeito ao imóvel intervencionado, é possível encontrar algumas referências da sua utilização ao longo dos anos. Em particular, uma licença para obras particulares datada de 1930, em que o proprietário, José Pereira Júnior, solicita autorização para “algumas madeiras apodrecidas de um tapamento existente, bem como rebocar, caixar e pintar e assim”, pelo mestre de obras José Francisco Duarte (AHP, 1930).

Nas plantas de Telles de Ferreira (1892) e de George Black (1813) o edificado apresenta uma organização semelhante à atual, sem alterações de grande evidência topográfica.

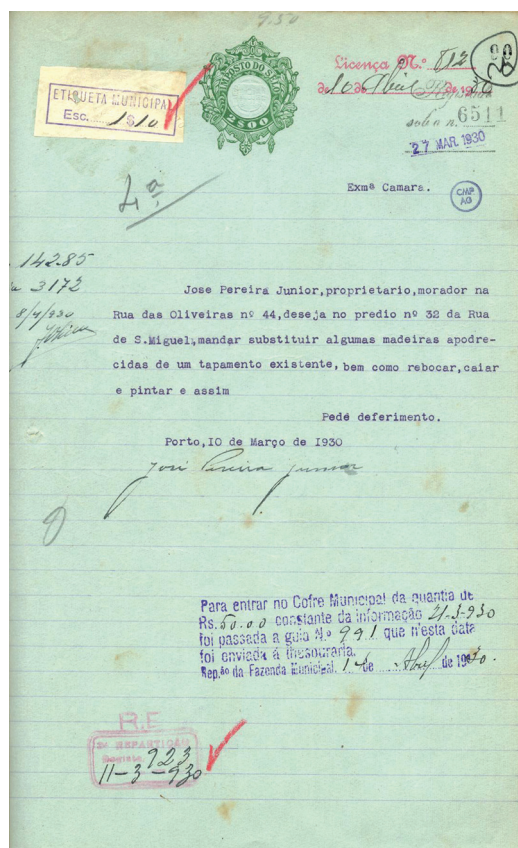


Figura 2. Licença de obra encontrada em arquivo (AHP, 1930).



Figura 3. Localização das sondagens de diagnóstico após os alargamentos.

3. Trabalhos arqueológicos

Foram realizados trabalhos de escavação sob a forma de quatro sondagens – três de 2x2 m e uma de 3x2 m –, localizadas na área a intervencionar, dispersas pelas várias cotas do terreno e, sempre que possível, atingindo níveis geológicos.

As sondagens foram colocadas nas zonas de maior afetação por parte da obra e, sempre que possível, foram dispostas de forma a ter uma leitura alargada do terreno.

Da escavação e interpretação destas sondagens arqueológicas é possível definir, com alguma certeza, que esta zona da Rua de São Miguel terá sofrido várias afetações ao longo dos anos. No nível da entrada, na sondagem 4, numa cota semelhante à da rua, o nível geológico foi detetado a pouco mais de 20 cm de profundidade, enquanto as sondagens 2, 3 e 4, na zona do primeiro andar, apresentam níveis de aterro bastante consideráveis, em que não foi possível aferir com certeza a cota do nível geológico (provavelmente a mais de dois metros do nível de circulação atual). Na sondagem 2, os materiais apresentam uma homogeneidade entre o contemporâneo e o moderno. De entre os níveis detetados destaca-se a camada pertencente ao enchimento (UE [204]) da vala de fundação (UE [205]) da parede oeste, ainda que sem certezas, uma vez que não foi possível escavar na sua totalidade, por já se encontrar a grande profundidade.

Na sondagem 3, tanto a estratigrafia como os materiais apresentam similitudes com a sondagem 2, uma vez que esta se encontra muito próxima. A destacar a unidade [304], que, apesar de já se encontrar bastante destruída, apresenta algumas características de um muro, no sentido oeste-este e que, por se encontrar no lado norte da Rua de São Miguel, poderá indiciar que estamos perante uma antiga cerca de divisão da judiaria, entre a Rua de São Miguel e o Mosteiro de São Bento da Vitória.

Na sondagem 1, a última a ser intervencionada, localizada no logradouro da casa e na zona mais próxima do convento, os resultados arqueológicos foram os mais surpreendentes. Ao início dos trabalhos de escavação já parte do logradouro teria sido afetada pelos trabalhos de demolição. Felizmente, apenas as camadas superficiais terão sido afetadas. Os 3 pisos existentes (UE [137], [138] e [139]) foram parcialmente destruídos, assim como parte das camadas [100] e [101]. Nas limpezas das camadas iniciais (UE [100] e [101]) surgem ossos vestigiais e, ao proceder com minúcia, foi possível detetar os primeiros indivíduos aqui enterrados a uma cota de cerca de 50 cm abaixo do pavimento atual. Os materiais associados a estas camadas apontavam para os meados do século XIX. Após alguma pesquisa bibliográfica e reuniões com a Direção Regional de Cultura e Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Porto, foi possível interpretar este local como zona de enterramentos do hospital de campanha que funcionou no Mosteiro de São Bento da Vitória, entre 1809 e 1832, sendo conhecido como Hospital de Sangue¹. Já no decorrer de uma intervenção desenvolvida, em 2017, no edifício sito no gaveto entre a Rua de São Miguel, n.ºs 2-4, e a Rua de São Bento da Vitória, n.ºs 19-21, no Porto (Pereira, 2018), muito próximo do local aqui em estudo, terão surgido alguns enterramentos que, possivelmente, farão parte integrante da necrópole do Hospital de Sangue.

Face à quantidade de ossos existentes em corte e ao facto de não ser possível identificar qualquer vala ou covacho de colocação dos indivíduos previamente identificados, foi decidido fazer um pequeno alargamento de 1 m para este e 1 m para norte a todo o comprimento e largura da sondagem. Este procedimento foi acordado em reunião com a presença do dono de obra, Direção Regional de Cultura e Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Porto. Este alargamento só veio confirmar a existência de mais indivíduos, alguns em conexão – dois inteiros ([124] e [125]) e dois cortados ([127] e [128]) por interfaces ([112] e [104]) de carácter ainda mais recente –, comprovados pela existência de uma moeda onde é possível ler o nome “D. Carlos I” [112] e de vários conjuntos de osteológicos humanos com vários crânios ([109], [126] e [123]), que poderão ser ossários contemporâneos da utilização do espaço ou resultados de violações aquando de obras neste espaço durante o século XX.

Pela pouca profundidade a que estes se encontravam, a primeira interpretação apontava para a mais recente época associada a enterramentos nesta zona, isto é, do cerco do Porto de 1832. Felizmente, a presença de algum do espólio encontrado junto aos indivíduos leva a crer que estamos perante uma realidade 20 anos mais antiga. O primeiro artefacto encontrado, que permite uma datação fina, foi uma chapa de uma barretina usada pelo exército francês durante as invasões napoleónicas (UE [102]), decorada com uma águia imperial e com o número 76. Mais uma vez, através das palavras de Sérgio Veludo, foi-nos dito que esta pertenceria ao 76º Regiment de Ligne (infantaria de linha francesa do período napoleónico).

¹ Estas e outras informações foram gentilmente cedidas pelo Dr. Sérgio Veludo, por intermédio da Dra. Cidália Duarte, antropóloga.



Figura 4. Pormenor de um dos crânios exumados durante o trabalho.

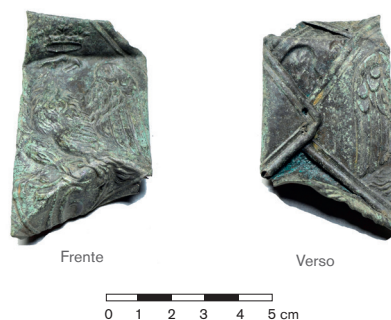


Figura 5. Chapa de barretina na qual é possível observar a águia imperial e o número 76 (associado ao 76º Regimento de Ligne das forças napoleónicas), encontrada próxima do indivíduo [124].

A águia imperial será, provavelmente, um dos símbolos mais importantes do estandarte de Napoleão (Haythornthwaite e Cassin-Scott, 1973).

Modeled after the eagle of the Roman legions, the new symbol of the French military was intended to be carried atop the pike from which the color flew. It was first presented to the French army by Napoleon himself at the Champ de Mars in 1804. From this point on, unit flags became secondary to the symbolic value of the eagle itself. Regiments often neglected their flags entirely, preferring instead to carry the eagle alone into combat. (Fremont-Barnes, 2002, p. 947).

Curiosamente, este regimento não fazia parte do exército francês que entrou no Porto, a 29 de março de 1809, o que torna toda a problemática do sítio ainda mais interessante. Nas palavras de Sérgio Veludo, este regimento não fazia parte do corpo de exército de Soult que entrou no Porto a 29 de março de 1809. Esteve em Friedland, em 1807, e estaria na Península Ibérica, mas não está registado como fazendo parte do corpo de exército de Soult². As informações existentes sobre este regimento são parcas e bastante complexas (Groves, 1887). Este corpo militar teve vários nomes ao longo da história, e até a sua origem advém de dois corpos distintos e de diferentes países. Existem referências que apontam que, entre 1803 e 1813, terá permanecido em Espanha (ANORI, 2020). Poderá ser a partir daí que a peça terá aparecido nesta zona ou, então, trazida por outros militares de regimentos diferentes. Apesar de uma chapa danificada não significar a presença de um regimento inteiro, será sempre um facto a ter em conta em estudos futuros.

Foram de igual modo encontrados vários botões e, dado o seu posicionamento no esqueleto, poderemos estar a falar dos elementos que prendiam as platinas de ombro à casaca. Localizaram-se pequenos elementos em ferro, na zona dos pés do mesmo

² Estas e outras informações foram gentilmente cedidas pelo Dr. Sérgio Veludo, por intermédio da Dra. Cidália Duarte, antropóloga.



Figura 6. Chapa em metal na qual é visível o número 66 com pequena decoração floral, típica do exército francês.

indivíduo, que poderiam pertencer às botas, o que leva a crer que muitos destes “soldados” estariam fardados aquando do enterramento. Mais tarde, noutra exumação, foi descoberta uma nova chapa, desta vez mais pequena, apenas com uma exígua decoração e com o número 66, também associado ao exército napoleónico. Desta vez, o regimento 66 é apresentado como fazendo parte das forças de Soult entre os 39 batalhões de infantaria, os 24 esquadrões de cavalaria e as 25 bocas de fogo de artilharia (Oman, 2004, p. 247).

4. Análise antropológica preliminar

A partir das características do espaço funerário e da análise bioantropológica do espólio ósseo, que representam o mundo dos mortos, foi feita uma abordagem ao mundo dos vivos. O objetivo central desta análise foi caracterizar os indivíduos exumados, adquirindo informações que contribuam, num futuro, para uma abordagem populacional, inferindo acerca da sua estrutura demográfica, das características métricas e não métricas, e compreender quais as patologias que habitualmente atingiam estes indivíduos, ou seja, de um modo geral, saber como eram, o que faziam e como interagiam como meio envolvente.

Os fatores de cariz tafonómico, patentes sobretudo nas sucessivas intervenções humanas ocorridas na área, traduzidas nos cortes produzidos aquando da abertura de valas, cuja magnitude e finalidade não foram perceptíveis no seu todo, condicionaram a preservação dos restos ósseos recuperados e, conseqüentemente, a quantidade e qualidade dos registos obtidos a nível funerário, paleodemográfico, morfométrico e paleopatológico. No entanto, as informações extraídas proporcionam uma perspetiva biológica relativamente ao estilo e condições de vida dos indivíduos exumados e os dados funerários revelam um contexto com algumas particularidades.

A observação *in situ* permitiu constatar alguma diversidade nas práticas de enterramento, com a presença de inumações primárias individuais e coletivas, registando-se a sobreposição de enterramentos. Não obstante denotar-se algum cuidado na deposição dos indivíduos, os quais se apresentavam, maioritariamente, em decúbito dorsal e obedecendo às



Figura 7. Decurso dos trabalhos de antropologia.

orientações sul (crânio) – norte (pés), noroeste (crânio) – sudeste (pés) e sudeste (crânio) – noroeste (pés), os gestos funerários observados parecem traduzir uma ausência de critério para a efetuação dos enterramentos, denotando-se a tentativa de ocupar o máximo possível, indicando a necessidade de efetuar diversas inumações num curto espaço de tempo, decorrente de um período de mortalidade mais elevado. Enquadrando estes dados conjuntamente com os do registo arqueológico e histórico, tal leva-nos a colocar a hipótese de este cemitério estar anexo ao hospital de campanha que funcionou no Mosteiro de São Bento da Vitória, entre 1806 e 1832. O espólio recuperado junto a alguns indivíduos remete para o período das invasões francesas.

A análise paleodemográfica revelou que a amostra exumada é constituída por 13 indivíduos adultos, todos eles do sexo masculino, que terão falecido, maioritariamente, entre os 20 e os 30 anos ou entre os 30 e os 50 anos. Estes dados indiciam que estamos perante uma população designada por selecionada, ou seja, uma população com um forte desvio a favor de um dos sexos – neste caso, do masculino – e de uma determinada faixa etária, dada a maioria dos indivíduos ser relativamente jovem. Estes elementos reforçam a hipótese de estarmos perante um cemitério inserido, muito provavelmente, num contexto militar.

No âmbito do estudo morfológico, foi possível determinar a estatura para 12 dos 13 indivíduos, obtendo-se uma estatura média de 163,54 cm, e destacando-se a presença de dois indivíduos com estatura superior a 172 cm. O cálculo dos índices de robustez e de achatamento revelou que os ossos longos dos membros superiores e inferiores dos indivíduos exumados eram, de um modo geral, bastante robustos e, à exceção dos fémures, não possuíam achatamento. Índices mais elevados de robustez podem advir de uma utilização constante de determinados ossos no desempenho de certas atividades laborais, enquanto valores de achatamento altos são habitualmente associados a economias agrícolas e urbanas, em oposição a índices baixos, característicos de esforços físicos intensos de sociedades pré-agrícolas. No que respeita a variação não métrica, os caracteres cranianos que apresentam uma maior frequência são a sutura metópica, a sutura supranasal e os foramina parietais. Quanto aos pós-cranianos, os mais representativos são a fossa romboide e o 3.º trocanter e a fossa hipotrocanteriana. A reduzida dimensão da amostra, aliada ao facto de se tratar de uma população singular, inviabiliza ilações mais concretas, sobretudo no que respeita às distâncias biológicas entre os vários indivíduos. Ainda assim, alguns destes caracteres, como, por exemplo, a fossa romboide, parecem estar associados sobretudo a determinados movimentos do ombro.

O exame paleopatológico, baseado na observação macroscópica das peças ósseas, foi bastante revelador, tendo sido detetadas inúmeras evidências patológicas, sobretudo odontológicas, mas também degenerativas e traumáticas.

Entre as afeções da cavidade oral, destacam-se a perda *ante mortem* de algumas peças dentárias, uma baixa incidência de cáries e de lesões periapicais, o desenvolvimento de tártaro e de desgaste dentário, de um modo geral, ligeiros a moderados, que parecem traduzir sobretudo alguma precariedade nos cuidados e hábitos de higiene oral e uma dieta alimentar, provavelmente, constituída por algumas partículas duras e



Figura 8. Pormenor do ossário identificado durante os trabalhos de escavação.



Figura 9. Plano após escavação do ossário [126], que, por sua vez, veio revelar mais indivíduos num enterramento em simultâneo sobre a camada [113].

abrasivas, ricas em proteínas e pobres em legumes e em hidratos de carbono. A carne e o pão constituíram, possivelmente, um item importante na dieta destes indivíduos. Todavia, a observação macroscópica dos dentes e ossos adjacentes constitui um método indireto para inferir os padrões dietéticos dos nossos antepassados. Apenas uma análise química dos isótopos estáveis e dos oligoelementos possibilita obter uma abordagem mais direta sobre os itens ingeridos. Os dados da patologia oral corroboram os resultados da idade à morte.

No que concerne ao estudo das patologias degenerativas, observou-se que a osteoartrite está ausente na maioria das superfícies articulares e, quando presente, expressa-se maioritariamente sob as suas formas mais ligeiras. As articulações mais acometidas são as do ombro, cotovelo, anca, joelho e coluna vertebral. O fator idade poderá ser a etiologia mais provável para o desenvolvimento das lesões detetadas. Todavia, a seu desenvolvimento em indivíduos muito jovens (20-30 anos) aponta para que também possam constituir um reflexo de uma maior exigência física, pelas atividades ocupacionais que os indivíduos desempenhavam. Por exemplo, as lesões registadas nas vértebras podem, eventualmente, estar associadas a esforços relacionados com o peso. Refira-se ainda a deteção de nódulos de Schmorl em quatro indivíduos, cuja etiologia pode residir em constrangimentos biomecânicos, no trauma físico subjacente a condições infecciosas e nos problemas de crescimento. No que concerne às enteses, não se registaram alterações muito expressivas.

Refira-se ainda a deteção de uma fratura por afundamento no osso craniano frontal do indivíduo da UE [125] e de uma possível fratura na clavícula direita do indivíduo da UE [132]. Estes elementos podem fornecer pistas de encontros violentos.

No estudo dos indicadores de stresse, detetaram-se hipoplasias em mais do que um dente de cinco indivíduos, o que sugere que estes indivíduos passaram por alguns episódios de stresse durante as suas vidas.

Finalizando, a análise bioantropológica efetuada teve, deste modo, êxito na reconstituição do perfil biológico dos indivíduos e, por conseguinte, na caracterização da população em termos da paleobiologia, da economia e da sociedade, carecendo, todavia, de um estudo mais cauteloso e munido de instrumentos mais precisos. Similarmente, o desconhecimento da extensão da área sepulcral, aliado às particularidades do contexto

funerário e ao facto de a amostra ser diminuta e não poder ser considerada representativa da população, inviabiliza ilações mais concretas, nomeadamente no que respeita a avaliação da natureza da população aqui inumada e dos seus parâmetros demográficos. Para superar as limitações apontadas serão pertinentes futuros trabalhos de escavação arqueológica na área, de modo a estabelecer os limites da área sepulcral e a aumentar o tamanho da amostra, por forma a estabelecer uma aproximação mais correta à população de origem e a esclarecer as hipóteses até ao momento levantadas. Similarmente, os resultados do estudo mais aprofundado que se encontra em curso e que integra o tratamento do espólio artefactual, designadamente das numismas recuperadas junto aos indivíduos, contribuirão certamente para o esclarecimento e corroboração das hipóteses apontadas. É também determinante amplificar horizontes científicos e promover a interdisciplinaridade, de modo a complementar os estudos e a obter um maior conhecimento sobre a vida e a morte destes indivíduos.

5. Considerações finais

Infelizmente, por motivos que ultrapassam a equipa de arqueologia, os trabalhos não decorreram na ordem normal. Como já foi referido anteriormente, as sondagens prévias foram realizadas em fase de obra e terminaram numa fase já bastante avançada do projeto de construção. No entanto, foi possível identificar contextos arqueológicos selados de grande importância para o estudo da Época Moderna da cidade. Das sondagens 2 e 4 resultou apenas a identificação de camadas de aterro enquadradas no período Moderno/Contemporâneo, poucas em informação arqueológica. Na sondagem 3 já foi possível identificar uma estrutura bastante destruída, que foi devidamente registada e



Figura 10. Plano após escavação do ossário [126] com um dos indivíduos já exumado.

MIG32.20
Sondagem 01
Organização dos esqueletos exumados
16 de maio 2020

Escala 1/20

0,50 metros

Cotas Absolutas

Interface

Botão

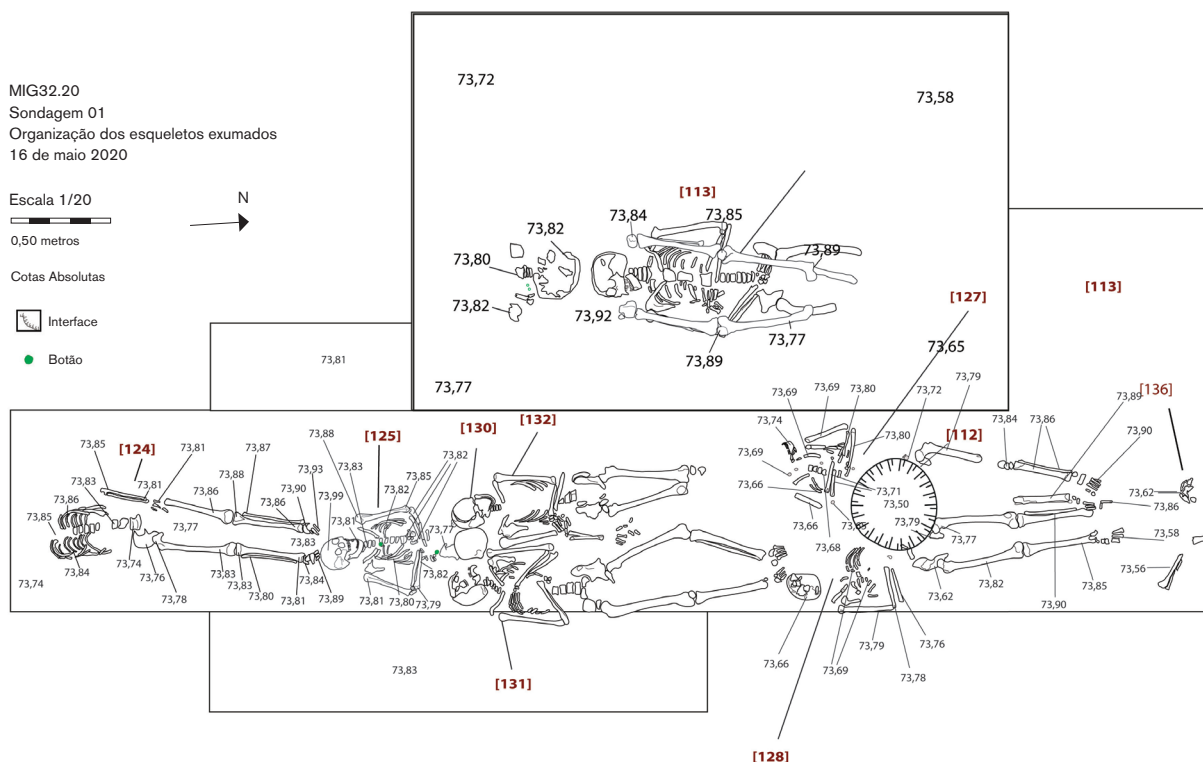


Figura 11. Desenho da sondagem 1 na qual é possível ver a organização dos indivíduos.

que poderá estar associada a uma cerca primitiva existente naquela zona, ainda que sem materiais associados que comprovem este facto.

A sondagem 1 terá sido a mais relevante em elementos arqueológicos. Infelizmente, a ausência de interfaces e de valas mais delimitadas no espaço tornou este espaço difícil de interpretar. Com a escavação apenas parcial do sítio, tudo aponta para um local de deposição de cadáveres, num curto espaço de tempo e de forma mais ou menos regular. Será o que poderemos chamar de uma vala comum, ainda que com alguma intencionalidade na organização. Essa organização teve a maior preocupação com uma economia de espaço. Para além da já referida cota de enterramento bastante baixa (apesar de não termos ideia do nível de circulação na altura dos enterramentos), o facto de existirem vários cadáveres com orientações opostas permite perceber que a sua deposição terá tido alguma urgência. Ao colocar os indivíduos com as pernas sobre os ombros do anterior obtém-se uma economia de espaço que na forma de deposição canónica não seria possível. Curiosamente, um dos indivíduos (UE [136]) que terá ficado em corte apresenta um terceiro tipo de orientação: ao invés do norte-sul e sul-norte, este último encontra-se de forma perpendicular aos corpos exumados, ou seja, de oeste para este.

Somente uma escavação do logradouro em área até esgotar o potencial arqueológico/estratigráfico permitiria a recolha de informação plena. Infelizmente, por razões às quais a equipa de arqueologia é alheia, tal não foi possível, e os muito prováveis restantes elementos arqueológicos e osteológicos poderão nunca vir a ser recuperados/estudados.

A maturação dos elementos permitirá reformular uma série de questões de extremo interesse para a história do Porto neste período tão conturbado: terá sido este pequeno

espaço reservado para tropas inimigas da cidade? Serão todos os indivíduos exumados soldados franceses? Infelizmente, ainda não nos foi possível encontrar na bibliografia e noutras fontes elementos para responder a estas e tantas outras questões. Essa discussão ficará em aberto para futuros artigos científicos, numa realidade que se pretende mais controlada do que a arqueologia de salvação.

Referências bibliográficas

Afonso, J. F., 1997. Nota sobre a sinagoga do Porto, a igreja de Nossa Senhora da Vitória e a casa do mestre pedreiro Manuel Luis. *Polígrafa*, 6, pp. 105-108.

Afonso, J. F., 2006. Sobre um possível Hekhal: aspectos do urbanismo e arquitectura do Olival e da Vitória do Porto (Sécs. XIV-XIX). *Humanística e Teologia*, 27, pp. 43-115.

AHP – Arquivo Histórico do Porto, 1930. *Licença de obra n.º: 812/1930 [do ano económico de 1929/1930]*. [pdf] Arquivo Histórico do Porto. Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/103426/?>> [Consult. 17 de julho de 2021].

ANORI – Association Nationale des Réservistes de l'Infanterie, 2020. *Le 76e RI à travers l'histoire: LE 76ème REGIMENT D'INFANTERIE A TRAVERS L'HISTOIRE: Le Régiment suisse et l'ancien 76 ème*. [em linha]. Disponível em: <<https://www.anori.fr/les-traditions/infanterie/linfanterie-et-son-histoire/le-76e-ri-a-travers-lhistoire/>> [Consult. 22 de agosto de 2020].

CIGeoE – Centro de Informação Geoespacial do Exército, 2013. Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha 122, 1:25.000. Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército.

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural, [s.d]. *Vestígios da Judiaria do Porto (Hêkhal)*. [em linha]. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/9270126/>> [Consult. 31 de agosto de 2020].

Fremont-Barnes, G., 2002. *The Napoleonic Wars: The Peninsular War, 1807–1814*. Oxford: Osprey.

Fremont-Barnes, G., 2006. *The Encyclopedia of the French Revolutionary and Napoleonic Wars: A Political, Social, and Military History: Volume 2*. Michigan: ABC-CLIO.

Geraldo, J. A. C. D., 2006. *As Religiões da nossa vizinhança. História, Crença e Espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Gotteri, N., 1990. Le maréchal Soult et la royauté de Portugal en 1809. *Bibliothèque de l'École des chartes*, 148, pp. 115-139.

Groves, J. P., 1887. *The 66th Berkshire Regiment: A Brief History of Its Services at Home and Abroad from 1758-1887*. Reading: Joseph J Beecroft.

Haythornthwaite, P. e Cassin-Scott, J., 1973. *Uniforms of the Napoleonic Wars in Colour 1796-1814*. Londres: Blandford Press.

Oman, C. W. C., 2004. *A History of the Peninsular War. Volume II*. Londres: Greenhill Books.

Pereira, G., 2018. *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos – Imóvel sito em gaveto entre a Rua de São Miguel, n.º 2-4, e a Rua de São Bento da Vitória, n.º 19-21 (União Freguesias Cedofeita, Miragaia, Santo Ildefonso, Sé, São Nicolau & Vitória/Porto)*. Nexo Património Cultural. Esmoriz: G. Pereira. Policopiado.

Ramos, L. A. O., dir., 1994. *História do Porto*. 2.ª ed. Porto: Porto Editora.

U.Porto – Universidade do Porto, 2012. Edifício da Reitoria da U.Porto – Enquadramento Urbano: Mosteiro de S. Bento da Vitória. [em linha]. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=edif%-c3%adcio%20da%20reitoria%20-%20enquadramento%20urbano:%20mosteiro%20de%20s.%20bento%20da%20vit%c3%b3ria> [Consult. 31 agosto 2020].